



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária

**O MUSEU DE ANATOMIA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA VAI À ESCOLA**

Maria Claudia Oliveira de Medeiros

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Maurício Mendes de Lima

BRASÍLIA - DF

JULHO/2018



MARIA CLAUDIA OLIVEIRA DE MEDEIROS

**O MUSEU DE ANATOMIA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA VAI À ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Medicina Veterinária,
apresentado junto à Faculdade de
Agronomia e Medicina Veterinária da
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Maurício Mendes de Lima

BRASÍLIA - DF
JULHO/2018

Medeiros, Maria Claudia Oliveira de

O Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília vai à escola. / Maria Claudia Oliveira de Medeiros; orientação do Prof. Dr. Eduardo Maurício Mendes de Lima. – Brasília, 2018.

49 p. : il.

Trabalho de conclusão de curso de graduação – Universidade de Brasília/Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, 2018.

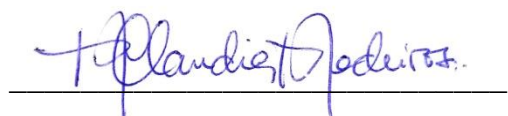
CESSÃO DE DIREITOS

Nome do Autor: Maria Claudia Oliveira de Medeiros

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: O Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília vai à escola.

Ano: 2018

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva-se a outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.



Maria Claudia Oliveira de Medeiros

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome do autor: MEDEIROS, Maria Claudia Oliveira de

Título: O Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília vai à escola.

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Medicina Veterinária apresentado junto à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília.

Aprovado em 13/07/2018

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Maurício Mendes de Lima

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: APROVADO

Assinatura:

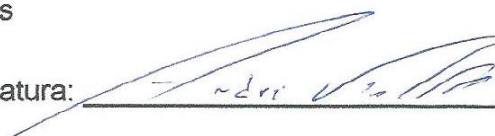


Prof. Dr. André Rodrigues da Cunha Barreto Vianna

Instituição: Universidade Federal de Lavras

Julgamento: Aprovado

Assinatura:



Téc. Taxidermista César de Lima Borges Leão

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: aprovado

Assinatura:



*Dedico este trabalho aos meus grandes amigos, Duke, Hatum, Dunga e Zorro,
que despertaram em mim essa vocação.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Mariinha e Moacyr, por todo amor incondicional, pelo apoio em todas as horas e decisões, pela paciência, conselhos, dedicação e ensinamentos. A vocês dedico todas as minhas vitórias!

Agradeço também à minha família amada, pelo carinho e incentivo nessa jornada! Muito obrigada por sempre estarem presentes na minha vida!

A todos os amigos que a vida colocou em meu caminho e que foram importantes na minha formação, em especial, Alexandre, Bryam, Clarice, Edna, Fernanda, Letícia, Michele, Patrícia e Shakti. Obrigada por todos os momentos vividos juntos, pelas risadas incontáveis, pelos puxões de orelha, pelos conselhos, pelos ensinamentos, pela companhia, pela amizade e pelo amor incondicional aos animais! Agradeço a vocês pela amizade e pelo companheirismo nessa árdua caminhada!

Ao professor Eduardo, agradeço pela sua orientação no presente trabalho, pelos ensinamentos e oportunidades durante o curso.

Levo todos em meu coração!

*“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você
estará fazendo o impossível.”*

São Francisco de Assis

RESUMO

O estudo levou parte do acervo do Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília, em caráter itinerante, a três escolas do Distrito Federal e entorno – uma escola pública em Planaltina de Goiás, uma escola particular de Brasília e uma escola pública para alunos com necessidades especiais do DF que atende alunos com deficiência visual – atingindo um total de 1099 alunos e 52 professores, e teve como objetivo divulgar a ciência, promover a inclusão social e a acessibilidade, aproximar a universidade da sociedade e investigar o impacto que o museu itinerante causou em cada escola. Os resultados demonstraram que os objetivos foram alcançados e que as exposições impactaram favoravelmente os visitantes, o que nos fez constatar um grande interesse pelo tema e, pela abordagem interdisciplinar, gerou um estímulo para a educação.

Palavras-chave: museu, divulgação científica, museu itinerante, inclusão social, acessibilidade, educação.

ABSTRACT

This case study carried part of the collection of the Veterinary Anatomy Museum from University of Brasília, on an itinerant basis, to three Distrito Federal and surrounding schools – a public school in Planaltina de Goiás, a private school in Brasília and a public school for students with special needs from D.F. which attends visual impairment students – reaching a total of 1099 students and 52 teachers, and aimed to disseminate science, promote social inclusion and accessibility, bring the university closer to society and investigate the impact that the itinerant museum caused in each school. The outcome showed the goals were achieved and the exhibitions have positively impacted the visitors, which made us conclude that there is a large interest in the subject and, by the interdisciplinary approach, it has generated a stimulus for education.

Key-word: museum, scientific divulgation, itinerant museum, social inclusion, accessibility, education.

TABELAS

TABELA 1 – Projetos de museus itinerantes implantados pelo Brasil na atualidade.....	8
TABELA 2 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos alunos do CIEM GO.....	15
TABELA 3 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos professores do CIEM GO.....	16
TABELA 4 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos alunos do CIEIC DF.....	18
TABELA 5 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos professores do CIEIC DF.....	19
TABELA 6 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos alunos do CEEDV.....	21
TABELA 7 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos professores do CEEDV.....	22

QUADROS

QUADRO 1 - Enfoques próprios na relação escola/museu.....	6
QUADRO 2 – Projetos de museus itinerantes implantados pelo Brasil na atualidade.....	8
QUADRO 3 – Escolas visitadas e número de alunos atingidos pelo projeto.....	13
QUADRO 4 – Número de questionários aplicados a alunos e professores do CIEM GO.....	15
QUADRO 5 – Número de questionários aplicados a alunos e professores do CIEIC DF.....	18
QUADRO 6 – Número de questionários aplicados a alunos e professores do CEEDV.....	21

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Comparativo entre as respostas da questão 1 do questionário aos alunos.....	24
GRÁFICO 2 – Comparativo entre as respostas da questão 5 do questionário aos alunos.....	24
GRÁFICO 3 – Comparativo entre as respostas da questão 8 do questionário aos alunos.....	25
GRÁFICO 4 – Comparativo entre as respostas da questão 4 do questionário aos professores.....	25
GRÁFICO 5 – Comparativo geral entre alunos e professores.....	26

FIGURAS

FIGURA 1 – Sala de exposição do MAV-UnB	3
FIGURA 2 – Fotos referentes à visita à escola CIEM GO.....	17
FIGURA 3 – Fotos referentes à visita à escola CIEIC DF.....	20
FIGURA 4 – Fotos referentes à visita à escola CEEDV.....	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	2
2.1. Objetivo geral	2
2.2. Objetivos específicos	2
3. JUSTIFICATIVA	3
4. REVISÃO DE LITERATURA	5
4.1. O museu como promotor do conhecimento	5
4.2. A escola vai ao museu – o museu na educação	5
4.3. O museu vai à escola – o museu itinerante	7
4.4. O museu como espaço de inclusão social	10
4.5. O museu como espaço de acessibilidade	11
5. MATERIAIS E MÉTODOS.....	13
6. RESULTADOS	15
6.1. Centro Integrado de Educação Modelo de Planaltina de Goiás.....	15
6.2. CIEIC Integral Bilíngue Jardim Botânico (CIEIC DF)	18
6.3. Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV)	21
6.4. Comparativos entre os questionários.....	23
7. DISCUSSÃO	27
8. CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
APÊNDICE A – FOLDER PARA DIVULGAÇÃO – FRENTE E VERSO	33
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	34
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES	35

1. INTRODUÇÃO

A ideia de levar o Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília (MAV-UnB), em caráter itinerante às escolas do Distrito Federal e entorno, surge diante do desafio e da possibilidade de chegar a públicos diversos, com características distintas entre si, procurando vivenciar e melhorar o acesso à informação e ao conhecimento científico.

Para tal, escolhemos escolas com perfis diferentes procurando nos adaptar às suas realidades, identificando diferenças e igualdades, sempre na tentativa de melhorar as formas de abordagem, adaptando-se às suas necessidades, no intuito de promover também a inclusão social e a acessibilidade, verificando seus anseios para que haja um aprimoramento nas formas de se divulgar a ciência. Nossa proposta então é de irmos a uma escola pública do entorno, na cidade de Planaltina de Goiás, distante de grandes centros urbanos onde não há a presença de museus; uma escola particular de Brasília, de porte pequeno, mas focada em desenvolver uma consciência ambiental; e iremos também a uma escola pública do Distrito Federal de ensino especial que atende crianças, jovens e adultos com deficiência visual.

Hoje no Brasil, existem vários projetos de museus itinerantes que, como espaços não formais, têm incentivado e contribuído de perto com a educação de muitos indivíduos. Essas iniciativas também têm despertado em muitos educadores, possibilidades de aprimoramento e enriquecimento de conteúdos que, de certa forma, se veem refletidas na melhora da qualidade do ensino.

Nosso propósito visa aproximar a comunidade da Universidade de Brasília, criando uma porta de acesso ao saber cultural e científico por meio da divulgação do Museu de Anatomia Veterinária, que possui um acervo numeroso e de qualidade, e aprimorar a troca de informações buscando sempre divulgar a ciência de uma forma lúdica e interativa.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo foi levar o conhecimento sobre a diversidade da anatomia animal para diferentes escolas como contribuição para estimular a curiosidade científica no estudo de ciências e biologia e verificar seu impacto em crianças, jovens e professores, num projeto itinerante intitulado: *O Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília vai à escola.*

2.2. Objetivos específicos

Além de divulgar o MAV-UnB, os objetivos específicos são:

- Atender alunos do ensino fundamental de escolas públicas, privadas e ensino especial do Distrito Federal e entorno;
- Despertar o senso crítico dos visitantes, principalmente no tocante a biodiversidade e ainda relativo às particularidades das espécies;
- Demonstrar, por meio de peças preparadas do acervo, os detalhes da riqueza morfológica existente entre os animais e permitindo aos estudantes o acesso a uma importante fonte de consulta e conhecimento;
- Configurar um significativo recurso da educação inclusiva e de acessibilidade para diferentes graus de formação das escolas do Distrito Federal e entorno;
- Promover a aproximação da sociedade com a Universidade.
- Estimular os docentes a buscarem espaços museológicos como forma de enriquecimento de assuntos educativos, visando maior apreensão e ampliando a busca pelo conhecimento científico.

3. JUSTIFICATIVA

O Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília possui um acervo bastante diversificado e de qualidade, com mais de 800 peças de diversos espécimes animais como mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes. As técnicas utilizadas para a confecção das peças também são variadas como a taxidermia, dissecação, criodesidratação, osteotécnica e a impregnação com glicerina.



Figura 1 – Sala de exposição do MAV-UnB

O espaço onde se encontra o museu é bastante limitado, mas não impede que este continue ampliando seu acervo e recebendo visitas do público em geral, alunos da própria instituição e, principalmente, escolas públicas do DF, o que torna o MAV-UnB um meio de agregação e divulgação do conhecimento científico.

Uma forma de ampliar a atuação do museu, tornando este acessível a diferentes tipos de escola foi o principal foco deste estudo. Levamos o museu para o entorno do Distrito Federal, na cidade de Planaltina de Goiás, onde o acesso a museus é praticamente inexistente. Procuramos também uma escola particular que tem em seus propósitos o cuidado e preocupação com a

preservação da natureza. E como forma de melhor nos adequarmos à implantação da acessibilidade, visitamos uma escola pública para alunos com necessidades especiais, com ênfase em deficiência visual, cuja abordagem é diferente das demais escolas.

O museu itinerante, por sua característica não formal, pode chegar mais perto da população, dando oportunidades do acervo ser manuseado, visto e sentido por todos. Os monitores procuraram estar bem de perto, explicando, respondendo a dúvidas e curiosidades, transmitindo informações científicas de um modo simples e acessível a todos.

Dar um passo a mais e levar o MAV-UnB a espaços variados, cumpre com a sua função de levar o conhecimento científico, promovendo a inclusão e acessibilidade social.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. O museu como promotor do conhecimento

São considerados museus, de acordo com o com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, “as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.” (IBRAM)

Os museus são espaços não formais dedicados ao desenvolvimento e à conexão entre a cultura, a ciência e a sociedade, por serem ambientes que estimulam a interação com o conhecimento, atuando como agentes de transformação e de educação, difundindo e popularizando a ciência.

Como ambiente de fruição cultural, os museus encantam, provocam repulsas ou indignação, despertam curiosidades, ampliam conhecimentos, provocam dúvidas e instigam novas questões. (NASCIMENTO, 2013, p. 190)

Em conformidade com o trecho acima, os museus são referências para a criação e o aprofundamento do conhecimento e, por isso, têm o importante dever de promover seu papel educativo, de atrair e ampliar a visitação de sua comunidade, localidade ou grupo que representa, possibilitando assim a valorização e a promoção do patrimônio natural e cultural.

4.2. A escola vai ao museu – o museu na educação

A educação é responsável por transformar os indivíduos em seres humanos e não pode ser uma atribuição somente da escola. Neste contexto, a educação não formal pode conduzir condições propícias para a

interdisciplinaridade, pois os espaços não formais se apresentam abastecidos com elementos pertencentes a várias áreas do conhecimento.

A escola então não é vista como o único espaço de veiculação do conhecimento e tem encontrado nos museus, espaços que propiciam a interação de práticas pedagógicas diferenciadas de modo a possibilitar a interação de experiências.

Foi constatado, segundo Marandino (2001), que o público escolar no Brasil tem tido uma crescente presença em museus. Professores de diferentes áreas, cada vez mais se interessam em conhecer estes espaços, objetivando proporcionar um melhor aproveitamento dos mesmos pelos alunos.

Em contrapartida os museus têm procurado, através de diferentes iniciativas, oferecer material de apoio, reuniões de roteiro, cursos sobre museus e sobre estratégias de utilização deste espaço para este público. A relação entre o museu e a escola pode ser estudada a partir de dois pontos de referência: o do museu e o da escola, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 1- Enfoques próprios na relação Escola/Museu

ESCOLA	MUSEU
Objetivo: instruir e educar	Objetivo: recolher, conservar, estudar e expor
Cliente cativo e estável	Cliente livre e passageiro
Cliente estruturado em função da idade ou da formação	Todos os grupos de idade sem distinção de formação
Possui um programa que lhe é imposto, pode fazer diferentes interpretações, mas é fiel a ele	Possui exposições próprias ou itinerantes e realiza suas atividades pedagógicas em função de sua coleção
Concebida para atividades em grupos (classe)	Concebido para atividades geralmente individuais ou de pequenos grupos
Tempo: 1 ano	Tempo: 1h ou 2h
Atividade fundada no livro e na palavra	Atividade fundada no objeto

Fonte: ALLARD *et al.* (1996 apud MARANDINO, 2001, p.87)

Os museus, tanto quanto as escolas, trabalham com o saber de referência, entretanto dão a este saber uma organização diferenciada, além de

utilizarem linguagens próprias. Sendo assim, o museu se diferencia da escola quanto à seleção e amplitude dos conteúdos abordados, bem como em relação à forma de apresentação deles.

4.3. O museu vai à escola – o museu itinerante

Os museus itinerantes são projetos que visam levar parte dos museus, enquanto instituições, ao público que comumente não tem acesso a eles, promovendo uma democratização cultural. Esta falta de acesso ocorre principalmente por privação financeira e social. “Isto ocorre devido à maioria dos museus de ciência pertencer às universidades, normalmente localizadas nas áreas metropolitanas” (HAMBURGER, 2001).

Os museus itinerantes são alternativas bastante eficientes, tanto no que se refere à relação custo-benefício, como também na facilidade de atingir populações distantes dos grandes centros. Tais iniciativas impactam fortemente sobre as comunidades beneficiadas com esses projetos, podendo ali fazer germinar futuras vocações ou o gosto pelo estudo de ciências. Habitualmente o recurso para a educação na grande maioria dos municípios é aquém do necessário, portanto o museu itinerante supre uma lacuna deixada pelos gestores da educação (MEZZACAPPA, 2008).

Sendo o museu uma instituição tão democrática, teoricamente, faz-se necessário levá-lo à comunidade como forma de enriquecer cultural e socialmente as comunidades que são visitadas por ele.

Uma das modalidades de visita dos museus itinerantes são comunidades escolares. Esta é uma das formas mais ricas de visitas do museu itinerante, pois o acesso à cultura e à informação ocorre como intervenção ao ensino tradicional que ainda temos nas escolas brasileiras. Na tentativa de minimizar essa “falha” na metodologia de ensino, “iniciativas de educação não formal que visam aproximar a ciência do senso comum. Dentro desse contexto, destacam-se os centros e museus de ciências que atuam como facilitadores do aprendizado em ciências” (PEREIRA et al, 2008).

Além da metodologia de ensino tradicional, há uma deficiência de aulas práticas, em especial nas escolas públicas brasileiras, “sendo que em muitas delas não há estrutura para dar suporte a esse tipo de atividade, e com isso, a grade curricular é totalmente preenchida com conteúdo teórico, dificultando a assimilação e prejudicando, assim, o aprendizado dos alunos” (RODRIGUES *et al*, 2008). Desta forma, projetos como o museu itinerante nas escolas buscam “aprimorar o conhecimento dos estudantes e incentivar seu enredamento pela ciência e pela pesquisa, dinamizando o estudo das ciências biológicas e contribuindo, dessa forma, para diminuir a desigualdade sócio-educacional que aflige o ensino brasileiro” (RODRIGUES *et al*, 2008).

Com alguns projetos em fase de desenvolvimento e implementação e outros já consolidados, o Brasil já possui por cerca de 32 projetos de museus itinerantes em funcionamento em vários locais do território nacional, como está descrito no Guia de Centros e Museus de Ciências do Brasil, lançado em 2015 pela Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências – ABCMC e que podemos ver no quadro, a seguir, separados por regiões:

Quadro 2 – Projetos de museus itinerantes implantados pelo Brasil na atualidade

PROJETOS – Região Norte	INSTITUIÇÃO
Clorofila Científica e Cultural Dos Mangues Do Pará	Universidade Federal Rural da Amazônia - AM
PROJETOS – Região Centro-Oeste	INSTITUIÇÃO
Circuito da Ciência	Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia - MT
Experimentoteca Móvel	Instituto de Física/Universidade de Brasília - DF
Museu na Escola – Planetário Itinerante	Museu de Ciências e Tecnologia de Brasília/Universidade de Brasília - DF
PROJETOS – Região Nordeste	INSTITUIÇÃO
Caminhão com Ciência	Universidade Estadual de Santa Cruz - BA
Caravana Notáveis Cientistas Pernambucanos	Espaço Ciência - PE
Ciência Móvel	Ilha da Ciência/Universidade Federal do Maranhão - MA
Ciência Móvel – Espaço Ciência	Secretaria de Ciência e Tecnologia e Secretaria de Educação de Pernambuco - PE
Ciência Móvel – Museu Itinerante	Universidade do Estado da Bahia - BA
Ciência Na Estrada – Educação e Cidadania	Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz/Fiocruz, - BA
Laboratório Móvel de Arqueologia	Universidade Federal de Pernambuco - PE
Ciência Sobre Rodas - Buzão da Ciência no Agreste e no Sertão	Universidade Federal de Sergipe - SE

PROJETOS – Região Sul	INSTITUIÇÃO
Museu e Aquário Marinho Itinerante Cristina Portela	Particular - PR
Laboratório Itinerante Tecnologia.Com.Ciência	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS
Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral	Universidade Federal do Paraná - PR
Promusit – Projeto Museu Itinerante	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - RS
Laboratório Móvel de Arqueologia	Universidade Federal de Pernambuco - PE
PROJETOS – Região Sudeste	INSTITUIÇÃO
Biblio SESC	SESC Administração Nacional
Caravana da Ciência	Fundação Cecierj - RJ
Ciência Móvel – Vida e Saúde para Todos	Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz - RJ
Ciência para Poetas nas Escolas	Casa da Ciência da UFRJ - RJ
Ciência Sobre Rodas	Instituto de Ciências Biomédicas/ Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ
Ciências Sob Tendas	Universidade Federal Fluminense - RJ
Museu Itinerante Ponto UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais - MG
Oficina Desafio	Museu Exploratório de Ciências/ Universidade Estadual de Campinas - SP
Planetário Móvel da SBEA	Sociedade Brasileira para o Ensino da Astronomia-SP
Planetário Teatro das Estrelas	SP
Praça da Ciência Itinerante	Fundação Cecierj - RJ
Programa Ciência em Movimento	Fundação Ezequiel Dias-MG
Sangue na Rua	Faculdade de Medicina de Botucatu/ UNESP/ Secretaria Estadual de Educação - SP
SESC Ciência	Departamento Nacional/Divisão de Educação - RJ
Tenda da Ciência Itinerante	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - RJ
Viajando na Ciência	Secretaria Municipal de Educação de Campos dos Goytacazes – RJ

O crescimento do número de museus itinerantes, ou museus móveis, é resultado da mobilização de universidades, instituições de pesquisa, secretarias estaduais e municipais, agências de fomento e do governo federal para ampliar o contato da população com iniciativas de popularização da ciência no país.

Mas as oportunidades de conhecimento que os museus itinerantes propiciam são extremamente positivas e não de ser entendidas como uma experiência vivida pelo público como passageira, diferente da experiência

duradoura que um museu permanente pode proporcionar, pelo simples fato de estar “enraizado” na sociedade, fazendo parte de seu cotidiano.

4.4. O museu como espaço de inclusão social

A palavra inclusão refere-se à defesa do direito de todo ser humano de participar das mais variadas esferas sociais, culturais e educativas. A necessidade da inclusão indica que existem situações de exclusão a qual é manifestada de diversas maneiras na sociedade. Neste sentido, o museu pode participar e atuar como um importante instrumento de inclusão social, tendo a cultura como forma de encantamento e de reforço não só dos valores bem como da própria identidade do indivíduo e o museu, como vetor deste processo inclusivo.

O museu, além de fomentar a pesquisa, a preservação, a comunicação e promover o conhecimento, assume também uma responsabilidade social ao se colocar à disposição da sociedade para que esta possa encontrar nele o meio e a possibilidade de se sentir representada. E como vetor desse processo, propõe-se a trabalhar as diferenças para, assim, poder reduzir as desigualdades, usando o patrimônio que tem sob sua guarda como um instrumento de inclusão de um público que até pouco tempo esteve distante de seus propósitos.

“Aos museus, bem como a todas as instituições culturais, cabe também estar em sintonia com o pensamento contemporâneo de respeito e reconhecimento da diversidade cultural e social trabalhando a favor não somente da comunicação de seus objetos culturais, sob um ponto de vista multicultural, como também contribuindo para a democratização cultural por meio dos processos de inclusão social” (Tojal, 2008, p.4).

Num país com uma grande diversidade cultural como o Brasil e, ao mesmo tempo, com grandes dificuldades de acesso a esses bens e manifestações pelas camadas menos favorecidas da população, as políticas culturais, quando bem conduzidas e aplicadas, têm condições de proporcionar uma difusão mais eficiente que permita de uma forma democrática essa inclusão.

E os museus, como meios de multiplicação e de inserção, procuram, através da troca com o público, proporcionar experiências positivas que permitam fortalecer a autoestima, além de ter a possibilidade de estimular uma imagem positiva de si mesmo.

Baseado no que foi exposto conclui-se que o museu precisa assumir de vez a sua responsabilidade como agente de transformação social. Desenvolver programas inclusivos é um passo importante, pois a integração do público deve ser total. Como a exemplo dos museus itinerantes, onde a sociedade é incentivada a participar e a compartilhar o conhecimento adquirido e que fortaleça mais e mais a identidade cultural desta nação tão diversa em suas múltiplas faces culturais.

4.5. O museu como espaço de acessibilidade

A acessibilidade é fundamental para que os espaços culturais atendam, sem discriminação, todas as pessoas, com diferentes condições intelectuais, físicas, sensoriais e sociais, cumprindo dessa forma sua missão social.

A acessibilidade em museus significa que as exposições, espaços de convivência, serviços de informação, programas de formação e todos os demais serviços básicos e especiais oferecidos pelos equipamentos culturais devem estar ao alcance de todos os indivíduos, perceptíveis a todas as formas de comunicação e com sua utilização de forma clara, permitindo a autonomia dos usuários. Os museus para serem acessíveis, portanto, precisam que seus serviços estejam adequados para serem alcançados, acionados, utilizados e vivenciados por qualquer pessoa, independentemente de sua condição física ou comunicacional. (SARRAF, 2008, p.38)

Um dos principais objetivos do museu é comunicar e interagir com o público, reconhecendo que este tem diversas maneiras de ser e de entender o mundo. É desejável que a informação e o conhecimento cheguem ao indivíduo através de todos os sentidos funcionando em conjunto, mas, muitas vezes, essa percepção só se manifesta precariamente ou através de só um deles.

O processo de pesquisa e implementação de normas e leis que promovem a acessibilidade já está em vigência no país há alguns anos. Em 2003, o IPHAN, buscando obedecer a legislação brasileira, editou sua primeira instrução normativa, estabelecendo critérios para a avaliação das condições de acessibilidade dos bens culturais imóveis, avaliando a acessibilidade de seus bens culturais imóveis através de diagnósticos, projetos de intervenção e programas (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2012).

Quando se trata de acessibilidade em museus precisa-se pensar também na comunicação que o museu tem com o público, é comum que o museu utilize recursos visuais para apresentar suas exposições, porém esse tipo de recurso não é eficiente ou acessível para todas as pessoas. Assim torna-se necessário que o museu adapte sua comunicação usando de outros meios de informação, como informação tátil, sonora, escrita, etc. Esses meios alternativos de comunicação permitem que o visitante escolha como deseja acessar a informação disponibilizada pelo museu, tornando as alternativas benéficas para todos os visitantes do museu, e não só as pessoas com deficiência.

Assim, a pessoa com deficiência deve ter garantido seu direito de usufruir do museu e centro de ciências e de participar das suas atividades. Isso envolve “o ter acesso, o percorrer, o ver, o ouvir, o tocar e o sentir os bens culturais produzidos pela sociedade através dos tempos e disponibilizados para toda a comunidade” (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2012, p.22)

Para que os princípios da acessibilidade e da inclusão social das pessoas com deficiência sejam viabilizados nos espaços museais tanto permanentes como itinerantes, além de seguir as diretrizes presentes na legislação e nas normas nacionais e internacionais é necessário desenvolver estratégias para que a linguagem das manifestações culturais inclua essa população como parte de seu público alvo.

Por fim, estamos de acordo com Sarraf (2008) quando recomenda atenção para o fato de que a acessibilidade não se restringe a garantir apenas o direito de ir e vir, mas, igualmente, de ser acolhido, permanecer, participar e voltar aos espaços científico-culturais, garantindo sempre a autonomia do indivíduo em todos os seus serviços.

5. MATERIAIS E MÉTODOS

Um primeiro contato se deu com os coordenadores pedagógicos de cada escola, através de uma conversa e a divulgação de um folder explicativo (Apêndice A), do Museu de Anatomia Veterinária da UnB, contendo objetivos, fotos e informações. Posteriormente, cada escola marcou uma data para visita de acordo com os calendários escolares das mesmas.

Foram visitadas três escolas do Distrito Federal e entorno (Quadro 3), sendo uma escola pública do entorno (Planaltina de Goiás), uma escola particular do DF (Jardim Botânico) e uma escola pública, também do DF, que atende alunos especiais com deficiência visual (Asa Sul). No total, foram atendidos 1099 alunos

Quadro 3 – Escolas visitadas e número de alunos atingidos pelo projeto.

Escolas	Alunos atingidos
Centro Integrado de Educação Modelo de Planaltina de Goiás – CIEM GO	850
CIEIC Integral Bilingue – CIEIC DF	148
Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais - CEEDV	101
Total de alunos atingidos	1099

O Centro Integrado de Educação Modelo de Planaltina de Goiás (CIEM GO), localizado no endereço Quadra 2 Área Especial – Setor Leste – Planaltina/GO, é constituído de 1073 alunos matriculados nos turnos matutino e vespertino. Foram escolhidas aleatoriamente turmas do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) para a aplicação do questionário referente à exposição.

O CIEIC Integral Bilíngue (CIEIC DF), localizado no endereço Condomínio Mansões Serrana Km 5 -Chácara Irmãos Carvalho - Estrada do Sol - Jardim Botânico – Lago Sul – Brasília/DF, é constituído de 288 alunos matriculados nos turnos matutino e vespertino. Foram escolhidas aleatoriamente turmas do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) para aplicação do questionário referente à exposição.

O Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV), localizado no endereço SGAS II Quadra 612 Sul – Asa Sul – Brasília/DF, é constituído por 240 alunos matriculados nos turnos matutino e vespertino. Foram escolhidos aleatoriamente alunos dos 6 aos 80 anos de idade para a aplicação do questionário referente à exposição.

O material levado para as escolas era constituído de aproximadamente 30 (trinta) peças distintas trabalhadas nas seguintes técnicas: taxidermia e osteotécnica.

Como as escolas se diferenciavam por número de alunos, idade e condições físicas especiais, cada exposição foi montada de maneira diferente, buscando atender a todos da melhor forma possível, mas todos sendo estimulados a interagir com as peças, manipulando-as, e fazendo perguntas aos monitores. O tempo de visitação variou entre 10 a 20 minutos.

A metodologia empregada neste trabalho foi a partir da abordagem quantitativa dos questionários aplicados aos alunos e professores.

Após as visitas foram aplicados questionários distintos aos alunos (Apêndice B) e professores (Apêndice C), referentes à exposição, com respostas de múltipla escolha e espaço opcional para registro de sugestões, elogios e reclamações.

Na escola de Planaltina de Goiás, alunos faziam uma apresentação oral introdutória sobre o que era taxidermia sempre que cada nova turma entrava para fazer a visitação. Na escola particular, com turmas menores e de menor idade, pequenos grupos eram formados e seguiam um monitor por diversas estações, formulando perguntas e ouvindo explicações sobre as peças expostas. Já na escola de deficientes visuais, onde os alunos variavam muito em idade e condição física, o monitoramento foi feito junto com os professores, em grupos de no máximo três alunos por vez, visitando cada peça, cada um a seu tempo.

6. RESULTADOS

6.1. Centro Integrado de Educação Modelo de Planaltina de Goiás

Nesta escola a visita atendeu 850 alunos e foram aplicados questionários a alunos, com idades entre 11 e 17 anos, e também foram aplicados questionários aos seus professores (Quadro 4). Foram avaliadas quatro turmas dessa escola, no total.

Quadro 4 – Número de questionários aplicados a alunos e professores do CIEM GO.

CIEM GO	Questionários Aplicados
Alunos	135
Professores	12

Os valores referentes às perguntas do questionário estão relacionados à tabela abaixo (Tabela 2).

Tabela 2 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos alunos do CIEM GO

Perguntas	Sim	Não	Mais ou Menos
1. Você já visitou algum museu?	31,85%	68,15%	-
2. O museu te trouxe mais informação sobre ciência?	89,62%	2,97%	7,41%
3. Com esta exposição, vai melhorar o seu aprendizado nas áreas de Ciência e Biologia?	87,40%	1,49%	11,11%
4. O museu ajudou você a entender as matérias vistas em sala de aula?	84,44%	4,45%	11,11%
5. Ver, tocar e interagir com as peças do museu te ajudou a aprender ciência?	78,52%	1,49%	10,38%
6. A visita do museu foi positiva para você?	97,78%	2,22%	-
7. A quantidade de peças levadas foi suficiente?	91,85%	8,15%	-
8. Você gostou da forma como foi montada a exposição?	97,78%	0,75%	1,47%
9. O tempo que durou a exposição foi suficiente para você ver todas as peças?	95,55%	4,45%	-
10. Você gostaria de visitar o Museu de Anatomia Veterinária na Universidade de Brasília	99,25%	0,75%	-
Total de alunos	135 (100%)		

Foi aplicado outro questionário aos professores dessa escola, que acompanharam a visita (tabela 3).

Tabela 3 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos professores do CIEM GO.

Perguntas	Sim	Não	Parcialmente
1. Facilitou o acesso à informação e contribuiu com a qualidade do ensino, agregando mais informação e conhecimento às áreas de Ciência e Biologia?	91,67%	0%	8,33%
2. Facilitará o entendimento das matérias vistas em aula?	75%	0%	25%
3. Ajudará a estimular a análise crítica do visitante através da experimentação, criatividade e interdisciplinaridade?	91,67%	0%	-
4. Possibilitou a participação de jovens de todas as camadas sociais, permitindo assim a inclusão sócio-cultural dos mesmos?	91,67%	0%	8,33%
5. Ampliou e reconstruiu conceitos nas áreas de anatomia e ciências biológicas?	91,67%	0%	8,33%
6. Promoveu a integração da Universidade com a sociedade?	100%	0%	-
7. Incentivará os docentes das escolas a buscarem espaços museológicos como ambiente de educação não formal que auxiliam na complementação da educação do aluno	100%	0%	-
8. Desenvolveu a ciência de forma interativa e lúdica?	91,67%	0%	8,33%
9. Foi positiva para os alunos?	100%	0%	-
10. Você levaria os alunos para visitar o Museu de Anatomia Veterinária na Universidade de Brasília?	100%	0%	-
Total de professores		12 (100%)	

A possibilidade de interação e manuseio das peças é uma característica que o museu itinerante pode proporcionar a seus visitantes e que faz com que o interesse pelo assunto em questão seja ampliado (Figura 2).



Figura 2 – Fotos referentes à visita à escola CIEM GO

6.2. CIEIC Integral Bilíngue Jardim Botânico (CIEIC DF)

No CIEIC DF a visita atendeu 148 alunos e foram aplicados questionários a alunos, com idades entre 6 e 11 anos, e também foram aplicados questionários seus professores (Quadro 5). Foram avaliadas quatro turmas dessa escola, no total.

Quadro 5 – Número de questionários aplicados a alunos e professores do CIEIC DF.

CIEIC DF	Questionários Aplicados
Alunos	72
Professores	6

Os valores referentes às perguntas do questionário estão relacionados na tabela abaixo (Tabela 4).

Tabela 4 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos alunos do CIEIC DF.

Perguntas	Sim	Não	Mais ou Menos
1. Você já visitou algum museu?	77,78%	22,22%	-
2. O museu te trouxe mais informação sobre ciência?	97,22%	0%	2,78%
3. Com esta exposição, vai melhorar o seu aprendizado nas áreas de Ciência e Biologia?	80,56%	2,77%	16,67%
4. O museu ajudou você a entender as matérias vistas em sala de aula?	80,56%	4,17%	15,27%
5. Ver, tocar e interagir com as peças do museu te ajudou a aprender ciência?	75%	8,33%	16,67%
6. A visita do museu foi positiva para você?	94,44%	5,56%	-
7. A quantidade de peças levadas foi suficiente?	77,78%	22,22%	-
8. Você gostou da forma como foi montada a exposição?	83,33%	0%	16,67%
9. O tempo que durou a exposição foi suficiente para você ver todas as peças?	83,33%	16,67%	-
10. Você gostaria de visitar o Museu de Anatomia Veterinária na Universidade de Brasília?	88,88%	11,12%	-
Total de alunos	72 (100%)		

Foi aplicado outro questionário aos professores dessa escola, que acompanharam a visita (Tabela 5).

Tabela 5 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos professores do CIEIC DF.

Perguntas	Sim	Não	Parcialmente
1. Facilitou o acesso à informação e contribuiu com a qualidade do ensino, agregando mais informação e conhecimento às áreas de Ciência e Biologia?	100%	0%	0%
2. Facilitará o entendimento das matérias vistas em aula?	66,67%	0%	33,33%
3. Ajudará a estimular a análise crítica do visitante através da experimentação, criatividade e interdisciplinaridade?	100%	0%	-
4. Possibilitou a participação de jovens de todas as camadas sociais, permitindo assim a inclusão sócio-cultural dos mesmos?	33,33%	50%	16,67%
5. Ampliou e reconstruiu conceitos nas áreas de anatomia e ciências biológicas?	83,33%	0%	16,67%
6. Promoveu a integração da Universidade com a sociedade?	100%	0%	-
7. Incentivará os docentes das escolas a buscarem espaços museológicos como ambiente de educação não formal que auxiliam na complementação da educação do aluno?	83,33%	16,67%	-
8. Desenvolveu a ciência de forma interativa e lúdica?	100%	0%	0%
9. Foi positiva para os alunos?	100%	0%	-
10. Você levaria os alunos para visitar o Museu de Anatomia Veterinária na Universidade de Brasília?	100%	0%	-
Total de professores		6 (100%)	

A exposição nesta escola permitiu que as peças fossem dispostas em várias estações que recebiam pequenos grupos, sempre acompanhadas de monitores que respondiam prontamente suas perguntas (Figura 3).



Figura 3 – Fotos referentes à visita à escola CIEIC DF

6.3. Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV)

No CEEDV a visita atendeu 101 alunos e foram aplicados questionários a alunos, com idades variando entre 6 e 80 anos, e também foram aplicados questionários para seus professores (Quadro 6). Como na escola os alunos se matriculam em matérias e não em turmas, os questionários foram aplicados aleatoriamente.

Quadro 6 – Número de questionários aplicados a alunos e professores do CEEDV.

CEEDV	Questionários Aplicados
Alunos	36
Professores	10

Os valores referentes às perguntas do questionário estão relacionados na tabela abaixo (Tabela 6).

Tabela 6 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos alunos do CEEDV.

Perguntas	Sim	Não	Mais ou Menos
1. Você já visitou algum museu?	47,22 %	52,78%	-
2. O museu te trouxe mais informação sobre ciência?	88,89%	0%	11,11%
3. Com esta exposição, vai melhorar o seu aprendizado nas áreas de Ciência e Biologia?	80,56%	0%	19,44%
4. O museu ajudou você a entender as matérias vistas em sala de aula?	77,78%	3,16%	19,06%
5. Ver, tocar e interagir com as peças do museu te ajudou a aprender ciência?	94,44%	0%	5,56%
6. A visita do museu foi positiva para você?	100%	0%	-
7. A quantidade de peças levadas foi suficiente?	69,44%	30,56%	-
8. Você gostou da forma como foi montada a exposição?	69,44%	2,78%	27,78%
9. O tempo que durou a exposição foi suficiente para você ver todas as peças?	100%	0%	-
10. Você gostaria de visitar o Museu de Anatomia Veterinária na Universidade de Brasília?	83,33%	16,67%	-
Total de alunos	36 (100%)		

Foi aplicado outro questionário aos professores dessa escola, que acompanharam a visita (Tabela 7).

Tabela 7 – Percentagem das respostas do questionário aplicado aos professores do CEEDV.

Perguntas	Sim	Não	Parcialmente
1. Facilitou o acesso à informação e contribuiu com a qualidade do ensino, agregando mais informação e conhecimento às áreas de Ciência e Biologia?	100%	0%	0%
2. Facilitará o entendimento das matérias vistas em aula?	70%	0%	30%
3. Ajudará a estimular a análise crítica do visitante através da experimentação, criatividade e interdisciplinaridade?	100%	0%	-
4. Possibilitou a participação de jovens de todas as camadas sociais, permitindo assim a inclusão sócio-cultural dos mesmos?	90%	0%	10%
5. Ampliou e reconstruiu conceitos nas áreas de anatomia e ciências biológicas?	90%	0%	10%
6. Promoveu a integração da Universidade com a sociedade?	100%	0%	-
7. Incentivará os docentes das escolas a buscarem espaços museológicos como ambiente de educação não formal que auxiliam na complementação da educação do aluno?	100%	0%	-
8. Desenvolveu a ciência de forma interativa e lúdica?	90%	0%	10%
9. Foi positiva para os alunos?	100%	0%	-
10. Você levaria os alunos para visitar o Museu de Anatomia Veterinária na Universidade de Brasília?	100%	0%	-
Total de professores		10 (100%)	

A escola para alunos com deficiência visual foi um desafio inicialmente o que fez com que a exposição tivesse o número de peças reduzido para que permitisse o acesso individual dos visitantes a todas as peças e que tivessem diferentes texturas. A presença dos monitores e professores foi essencial para guiarem e responderem prontamente as perguntas e dúvidas (Figura 4).



Figura 4 – Fotos referentes à visita à escola CEEDV

6.4. Comparativos entre os questionários

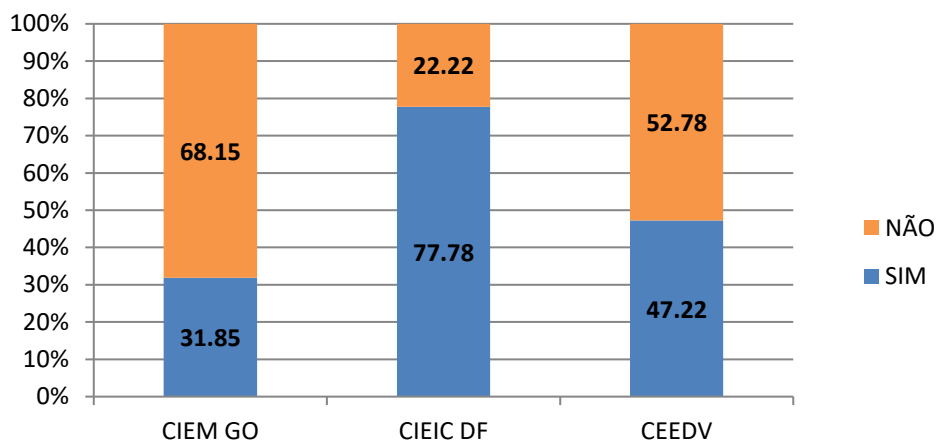
Analisando as respostas dos questionários, algumas chamam a atenção pela diferença que se mostram entre as escolas.

A primeira pergunta do questionário aos alunos (Você já visitou algum museu?) mostrou diferenças distintas no que se refere ao acesso a um museu (Gráfico1).

Enquanto na escola pública do entorno (CIEM GO) a maioria (68,15%) nunca teve acesso a um museu, na escola particular (CIEIC DF) aqueles que nunca tiveram acesso são minoria (22,22%). Já a escola pública de deficientes visuais apresentou uma ligeira equiparação entre os visitantes de um museu e não visitantes. Essa diferença se explica basicamente pela localização geográfica

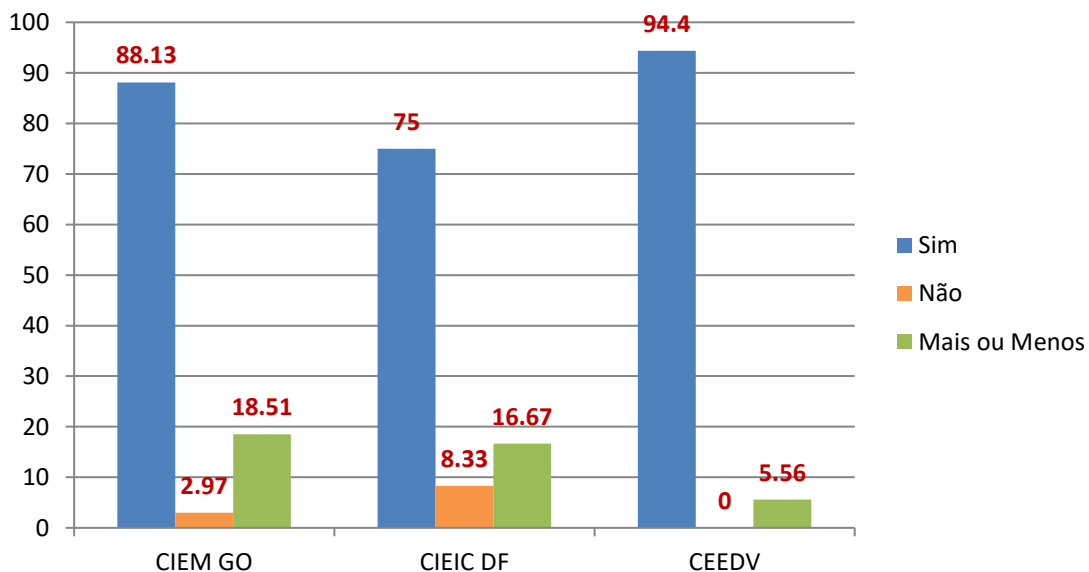
onde a escola se encontra, distante dos museus e conseqüentemente, baixa oportunidades de acessibilidade.

Gráfico 1 – Comparativo entre as respostas da questão 1 do questionário aos alunos



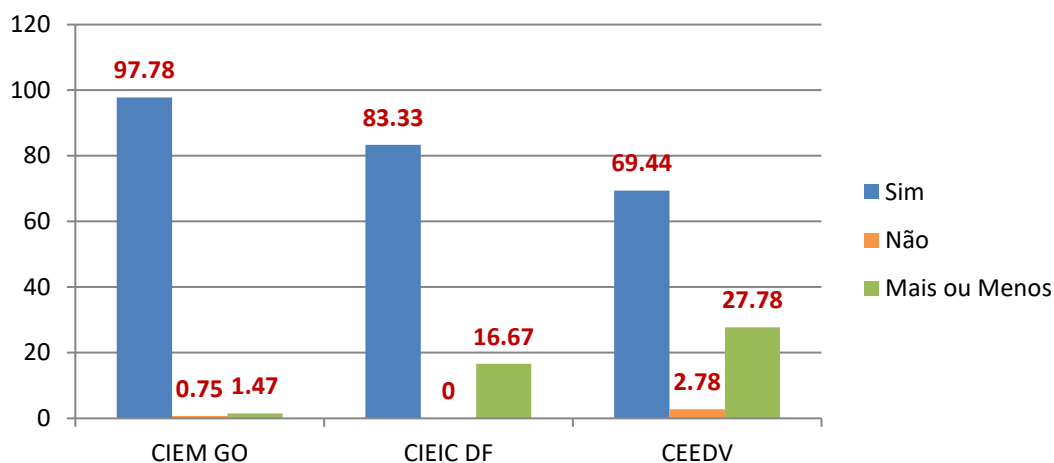
Na pergunta de número 5 (Ver, tocar e interagir com as peças do museu te ajudou a aprender ciência?), apesar do alto índice afirmativo em todas as escolas, na escola de alunos deficientes visuais se fez fundamental, quase que unanimemente positivo, pois o toque (tato) se faz extremamente necessário para a compreensão e leitura das peças (Gráfico 2). Sendo assim, para essa escola, foi pedido pela coordenação pedagógica que levássemos animais com diferentes texturas de pele.

Gráfico 2 – Comparativo entre as respostas da questão 5 do questionário aos alunos



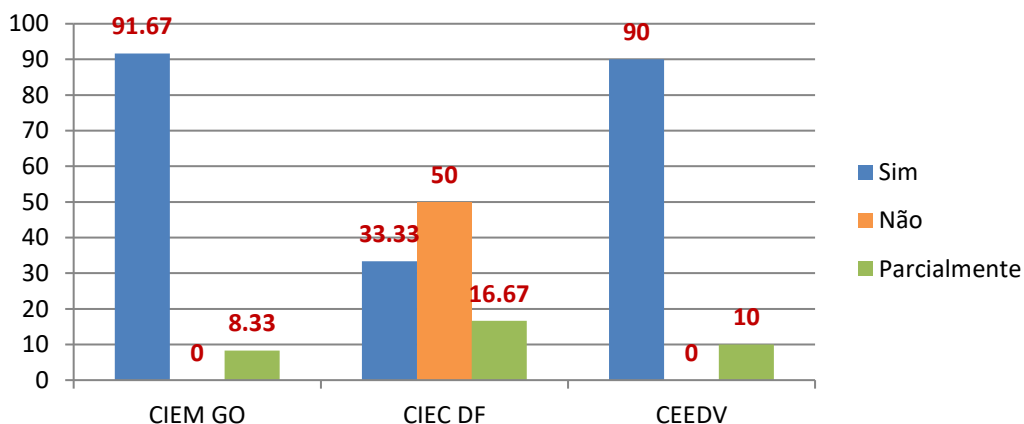
A questão de número 8 (Você gostou da forma como foi montada a exposição?) nos apresenta uma pequena desigualdade entre as escolas, demonstrando que a questão da acessibilidade é importante. Alguns alunos reclamaram não haver placas em braile e/ou áudios explicativos (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Comparativo entre as respostas da questão 8 do questionário aos alunos



No questionário feito com os professores, o que chama a atenção, apesar de ter havido uma ótima aceitação, é com relação à pergunta de número 4 (Possibilitou a participação de jovens de todas as camadas sociais, permitindo assim a inclusão sócio-cultural dos mesmos?) onde a escola particular do DF (CIEIC DF) mostrou-se negativa em relação à inclusão. Tendo em vista ser uma escola particular pequena, seus alunos são basicamente de uma mesma camada social, talvez tenha sido este o entendimento (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Comparativo entre as respostas da questão 4 do questionário aos professores

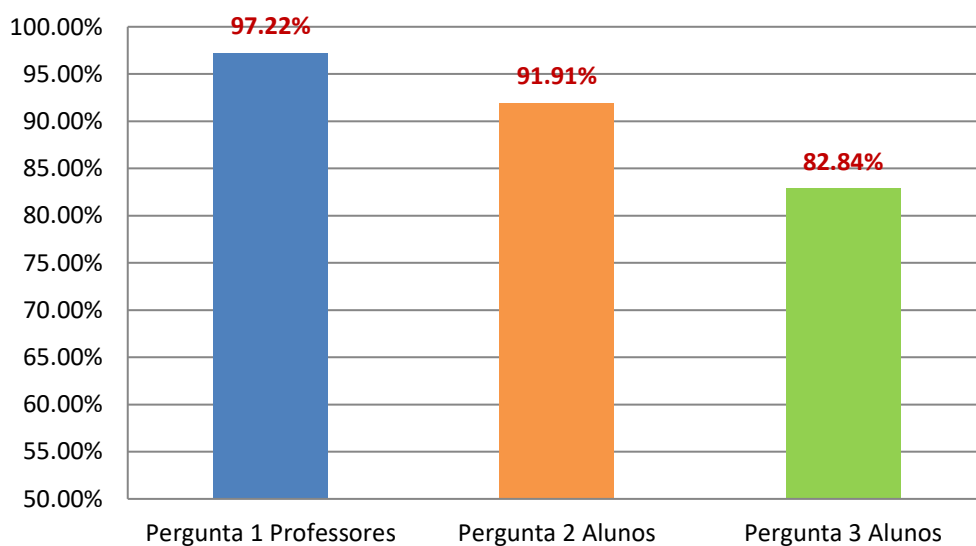


Pra finalizar a análise dos questionários, é interessante que se faça um comparativo geral entre alunos e professores, numa questão única que responde o propósito deste estudo: **O MAV-UnB levou mais informação e conhecimento sobre ciência para a escola?** (Gráfico 5)

A resposta está inserida na pergunta 1 (Facilitou o acesso à informação e contribuiu com a qualidade do ensino, agregando mais informação e conhecimento às áreas de Ciência e Biologia?) do questionário dos professores e nas perguntas 2 (*O museu te trouxe mais informação sobre ciência?*) e 3 (*Com esta exposição, vai melhorar o seu aprendizado nas áreas de Ciência e Biologia?*) do questionário dos alunos.

Gráfico 5 – Comparativo geral entre alunos e professores

O museu levou mais informação e conhecimento sobre ciência para a escola?



7. DISCUSSÃO

Os museus são espaços importantes no processo de ensino e aprendizagem e partindo desse pressuposto, segundo Marandino (2001), é muito importante que as escolas se organizem para visitar os museus, sejam eles permanentes ou itinerantes.

Um museu científico como o MAV-UnB, se caracteriza por ser um veículo de divulgação científica e a experiência de levá-lo às escolas, amplia sua margem de atuação, chegando mais perto da sociedade, trazendo pontos de vista que, muitas vezes não são trabalhados em sala de aula, contribuindo para ampliar os horizontes do conhecimento e, de certa forma, para olhar e ser olhado.

Parafraseando Mezzacapa (2008), a iniciativa de levar o museu às escolas, impactou fortemente nas comunidades beneficiadas, buscando germinar futuras vocações ou o gosto pelo estudo de ciências. Como foi percebido em nossas exposições, é grande o número de alunos que nunca tiveram acesso a um museu, e foi preciso estabelecer este contato *in loco* para que percebêssemos seus anseios e necessidades.

O projeto “O MAV-UnB vai à escola” contemplou três diferentes tipos de escolas, buscando justamente ver o impacto que causaria perante a diversidade:

Na escola pública do entorno, em Planaltina de Goiás, onde o museu itinerante fez parte do projeto de ciências da escola e que era aberto à comunidade, filas enormes foram formadas para visitação. A professora responsável, juntamente com a turma de 6º ano, se preparou com antecedência e os alunos fizeram uma apresentação a respeito de uma das técnicas de preparação de cadáveres, a taxidermia. Todos ficaram extremamente satisfeitos com a quantidade de informações que puderam ser agregadas.

A escola particular, onde os alunos tinham uma idade menor, entre os 6 e 10 anos, a curiosidade e necessidade de informação foi também revertida em inúmeras perguntas. Nesta escola, a questão da natureza e sua preservação são bastante valorizadas, e os alunos têm contato com animais vivos como galinhas, patos, cabras e coelhos. Os alunos perguntavam a respeito de como aqueles

animais expostos haviam morrido, se podiam ser criados em casa, como faziam quando eram resgatados com machucados.

Na escola pública para alunos especiais com deficiência visual, a pedido da coordenação, nos foi pedido que levássemos animais do cotidiano, como galinha, gato, coelho, tartaruga e animais com diferentes tipos de textura de pele. Procuramos também levar áudios com o som que alguns desses animais emitiam, para uma melhor compreensão. Alguns alunos, por causa da sua condição, nunca haviam chegado perto de algumas dessas espécies por receio, e seria a primeira vez que os estariam tocando. Foi muito gratificante fazer parte dessa experiência, levando o conhecimento básico e não menos importante, presenciando novas descobertas e possibilidades assim como poder responder às suas perguntas.

A questão da inclusão social se fez nítida, pois que os alunos queriam fazer parte do que estava acontecendo, queriam saber mais, faziam perguntas a respeito dos animais, estavam cheios de curiosidades. Perguntavam sobre como poderiam fazer para ver mais, queriam ir à Universidade de Brasília, alguns diziam que queriam trabalhar com a feitura das peças quando crescessem, outros falavam sobre a vontade de serem médicos veterinários, outros querendo saber quando voltaríamos.

A acessibilidade também se deu, da melhor forma possível, relacionado à disponibilidade de informação em diversos meios (escrito, sonoro, visual, tátil...) e a disposição de alcance dessa informação ao visitante que esteve no museu. Concordando com Duarte e Cohen (2013), o conceito de acessibilidade plena, parte do princípio de que apenas uma boa acessibilidade física não é suficiente para que o espaço possa ser compreendido e de fato usufruído por todos.

Durante as exposições, os alunos circulavam livremente por entre as peças, podendo tocá-las, manuseá-las, estabelecer comparativos. Essa autonomia para explorar o espaço onde o museu itinerante foi montado é um incentivo para que a aprendizagem se dê de uma forma lúdica e interativa.

No que se refere aos docentes, foi unânime a satisfação e o desejo de que haja um retorno do projeto itinerante ou que se faça uma visita ao museu na Universidade de Brasília.

Uma sugestão feita pela coordenadora educacional da CEEDV foi de que fechássemos um pacote anual de exposições para que a escola, durante várias vezes no ano letivo, pudesse abordar temas mais direcionados, específicos como, por exemplo: animais do cerrado, aves, diferentes animais de uma mesma espécie, animais de fazenda, como é um animal por dentro, répteis e anfíbios. É uma observação muito pertinente e vai de acordo com que Marandino (2001) coloca a respeito do processo de aprendizagem que, para que esse possa ocorrer de forma mais estruturada é necessário que ocorra um trabalho antes, de preparo do professor junto aos alunos para o que será trabalhado, um trabalho durante, que é a visita do museu em si com a interação dos alunos com o conteúdo exposto e um trabalho posterior, onde o conteúdo visto será debatido, para que o conhecimento buscado seja consolidado.

Foi sugerida também a inclusão de palestras e/ou vídeos, de curta duração para complementarem assuntos como: processo de taxidermização, preservação de animais em extinção dentre outros.

Foi ressaltado pelos professores a dificuldade de deslocamento com suas turmas até o MAV-UnB, como é o caso da escola de Planaltina de Goiás, mas que a intenção de se agendar uma visita poderia ser uma possibilidade futura, uma vez que se estabeleceria uma integração com a universidade.

Os resultados foram significativamente e positivos e deixa o registro do quão importante e impactante o museu itinerante é para a divulgação científica, para a propagação do conhecimento e principalmente para a educação da sociedade por ele atingida.

8. CONCLUSÃO

O intuito de levar parte do acervo do MAV-UnB às escolas, gerou um impacto positivo nas escolas atendidas, despertando interesses, divulgando a ciência, instigando curiosidades, estabelecendo possibilidades para a abordagem interdisciplinar de temas científicos frente à sociedade.

O projeto itinerante que teve como principal desafio, divulgar ciência entre os alunos, promovendo a inclusão e a acessibilidade e estimular os professores a procurar iniciativas como esta para incrementar e melhorar a educação teve grande receptividade não só de alunos, mas de toda comunidade que estava acerca de cada escola, tornou-se real.

O objetivo foi alcançado e, além de aproximar a Universidade de Brasília à sociedade, o projeto itinerante nos fez pensar em avanços para que o alcance do MAV-UnB possa ser ampliado, chegando a um número maior de escolas. Para isso é interessante o estímulo à formação de novos monitores, ampliação do formato das exposições com vídeos, palestras e atividades práticas, investir na produção de mais peças anatômicas e estabelecer novas parcerias, tanto públicas, quanto privadas, guiando-se sempre pela abordagem interdisciplinar de temas científicos de interesse social e pela propagação do conhecimento como ferramenta para formação de cidadão que, no futuro, estará fazendo a ciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice. Acessibilidade a museus. **Cadernos Museológicos**. Brasília, DF: MinC/ IBRAM, v.2, 2012.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose. Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência. **Revista Benjamin Constant**, ed.3. Out. 2013.

FERREIRA, J. R. SOARES, M. OLIVEIRA, M. **Ciência Móvel: Um Museu de Ciências Itinerante**. X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe (RED POP - UNESCO) y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad San José, Costa Rica, 9 al 11 de mayo, 2007.

HAMBURGER, E. **A popularização da ciência no Brasil**. In: CRESTANA, S.(org) Educação para ciência: curso para treinamento em centros de museus de ciências. Livraria da Física. São Paulo, 2001.

IBRAM. Portal do Instituto Brasileiro de Museus. **O que é museu**. Disponível em <http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>. Acessado em 08 de julho de 2018.

MARANDINO, Martha. **Interfaces na relação Museu-Escola**. Cad.Cat.Ens.Fis. v.18, n.1, p.85-100, abr.2001

MARANDINO, Martha. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciências. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p.61-81, 2005

MEZZACAPPA, M. Exposições itinerantes de ciência despontam pelo país. **Com ciência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. 2008.

MOUTINHO, M. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de sociomuseologia**. v. 1, n. 1, Lisboa, 1993.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. A relação museu e escola: um duplo olhar sobre a ação educativa em seis museus de minas gerais. **Ensino em re-vista**, v.20, n.1, p.179-191, jan\jun. 2013.

PEREIRA, G. R. CHINELLE, M. V. SILVA, R. C. Inserção dos centros e museus de ciências na educação: estudo de caso do impacto de uma atividade museal itinerante. **Ciências & Cognição**. v. 13, n. 3, p. 100-119. 2008.

ROCHA, Leilane Dias. **O Museu de Anatomia Veterinária como recurso para propagação de conhecimento**. 2012. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília, Brasília, 2012

RODRIGUES, R. T. S. et al. Museu Itinerante de Anatomia Animal: um Incentivo ao Desenvolvimento da Educação Social e Ambiental. **Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura**. v. 2, n. 1. 2008.

SARRAF, Viviane Panelli. **Reabilitação do Museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TOJAL, A. P. (2008). **Museu e Inclusão Social**. Congresso Brasileiro do Trabalho da Pessoa com Deficiência CONDEF, (pp. 1-7). Florianópolis / Santa Catarina.

APÊNDICE A – FOLDER PARA DIVULGAÇÃO – FRENTE E VERSO

Para agendar uma visita em sua escola

- Agendar a visita antecipadamente
- De 2ª a 6ª, das 9h às 17h.
- Responsável:
Maria Claudia Medeiros
- INFORMAÇÕES:
☐ (61) 9[REDACTED]
☐ [REDACTED]vet@gmail.com

O MUSEU DE ANATOMIA VETERINÁRIA DA UNB VAI À ESCOLA





Conhecendo de perto a nossa fauna, ajudamos a preservar a natureza!

OBJETIVOS

O Museu de Anatomia Veterinária da UnB vai à escola, cumpre a função de complementar e substanciar as informações de cunho morfológico e científico relativos à Anatomia Veterinária e Ciências Naturais de uma maneira geral.








Por meio de peças preparadas do acervo, demonstra os detalhes da riqueza morfológica existente entre os animais e permite à população em geral e aos estudantes, uma importante fonte de consulta e conhecimento.

Ao despertar o senso crítico dos visitantes, principalmente no tocante a biodiversidade e ainda relativo às particularidades das espécies, o acervo favorece o conhecimento da História Natural.

Possibilitar a aproximação da sociedade civil e tornando-se assim um meio de cultura e lazer, incluindo grande parcela da população que estiveram afastadas dos centros museológicos.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS



Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília

Nome: _____

Idade: _____ Ano que cursa: _____

Questionário referente à visita do MAV (ALUNO)

Assinale com um X nos quadrados de acordo com a sua resposta:

1. Você já visitou algum museu? Sim Não
2. O museu te trouxe mais informação sobre ciência?
 Sim Não Mais ou menos
3. Com esta exposição, vai melhorar o seu aprendizado nas áreas de Ciência e Biologia?
 Sim Não Mais ou menos
4. O museu ajudou você a entender as matérias vistas em sala de aula?
 Sim Não Mais ou menos
5. Ver, tocar e interagir com as peças do museu te ajudou a aprender ciência?
 Sim Não Mais ou menos
6. A visita do museu foi positiva para você?
 Sim Não
7. A quantidade de peças levadas foi suficiente?
 Sim Não
8. Você gostou da forma como foi montada a exposição?
 Sim Não Mais ou menos
9. O tempo que durou a exposição foi suficiente para você ver todas as peças?
 Sim Não
10. Você gostaria de visitar o Museu de Anatomia Veterinária na Universidade de Brasília?
 Sim Não

O que você não tinha na exposição e você gostaria de ter visto? Deixe registrados a sua sugestão, elogio ou reclamação.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES



Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília

Nome: _____

Questionário referente à visita do MAV (PROFESSOR)

Assinale com um X nos quadrados de acordo com a sua resposta.

A visita do museu na sua escola...

1. Facilitou o acesso à informação e contribuiu com a qualidade do ensino, agregando mais informação e conhecimento às áreas de Ciência e Biologia?
 Sim Não Parcialmente
2. Facilitará o entendimento das matérias vistas em aula?
 Sim Não Parcialmente
3. Ajudará a estimular a análise crítica do visitante através da experimentação, criatividade e interdisciplinaridade? Sim Não
4. Possibilitou a participação de jovens de todas as camadas sociais, permitindo assim a inclusão sócio-cultural dos mesmos?
 Sim Não Parcialmente
5. Ampliou e reconstruiu conceitos nas áreas de anatomia e ciências biológicas?
 Sim Não Parcialmente
6. Promoveu a integração da Universidade com a sociedade?
 Sim Não
7. Incentivará os docentes das escolas a buscarem espaços museológicos como ambiente de educação não formal que auxiliem na complementação da educação do aluno?
 Sim Não
8. Desenvolveu a ciência de forma interativa e lúdica?
 Sim Não Parcialmente
9. Foi positiva para os alunos? Sim Não
10. Você levaria os alunos para visitar o Museu de Anatomia Veterinária na Universidade de Brasília?
 Sim Não

O que você não tinha na exposição e você gostaria de ter visto? Deixe registrados a sua sugestão, elogio ou reclamação.
